



## **OS JURUNA DO KM 17 E O PLANO EMERGENCIAL: PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA**

Marcelino Rodrigues Da Silva, Florêncio Almeida Vaz Filho, Luciana Barroso França e Eduardo Soares Nunes

Os Juruna (Yudjá) do Km 17 são um grupo tupi, moradores de uma aldeia situada no Km 17 da Rodovia Ernesto Acioly, entre Altamira e Vitória do Xingu, no estado do Pará. Atualmente, o grupo, assim como os demais grupos indígenas da região, luta contra um processo de etnocídio desencadeado a partir da implementação da usina de hidrelétrica de Belo Monte no Rio Xingu e, mais precisamente, da execução do Plano Emergencial, em face da não execução do Componente Indígena do Plano Básico Ambiental (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2015). Foi aprovado, no âmbito do PIBIC-FAPESPA 2017-2018 desta instituição, o Plano de trabalho "Os Jurunas do Km 17 e o Plano Emergencial: Processos de Territorialização Na Amazônia Contemporânea", vinculado ao projeto "Transformações no Baixo Tapajós", sob a orientação dos professores Florêncio Almeida Vaz Filho e Luciana Barroso França. Saliento que o referido plano de trabalho pretende analisar a relação do grupo em questão em seu processo de "continuação territorial", expresso no desenvolvimento de práticas produtivas de subsistência, com o desempenho do Plano Emergencial, uma "mesada" no valor de trinta mil reais para cada aldeia localizada na área de impacto direto da obra. Objetiva-se, neste resumo, levantar informações etnográficas que indiquem a situação socioterritorial deste grupo através de uma breve revisão da bibliografia disponível. Em primeiro lugar, vale notar que a fixação do grupo em seu território atual é resultado de um longo processo de deslocamentos, divididos em três fases, que datam do século XVII, segundo registros de cronistas e historiadores (LACERDA LIMA, 2009), todos relacionados a investidas de frentes produtivas da economia nacional e internacional, como a borracha. Até 2015, a porção de terra ocupada pelo grupo não era reconhecida como Terra Indígena, mas estava regularizada como uma posse privada. Em termos de atividades produtivas, até 2008, as famílias deste grupo praticavam agricultura, criavam galinhas, gado e porcos. No domínio da horticultura, produziam mandioca, arroz e milho para subsistência e venda. Além destas atividades, também praticavam a coleta de frutos como o açaí (VIEIRA, 2009). Por fim, é possível perguntarmos-nos: quais as possíveis transformações que as práticas produtivas para a subsistência sofreram após a execução do Plano Emergencial pela Norte Energia? Como estas possíveis transformações alteram o conjunto simbólico do mundo dos Juruna do KM 17 em sua(s) relação(ões) com o território?